**Documento 1 – Mário Filho e *O Negro no Futebol* (1964)**

*Há quem ache que o futebol do passado é que era bom. De quando em quando a gente esbarra com um saudosista. Todos brancos, nenhum preto. Foi uma coisa que me intrigou a princípio. Por que o saudosista era sempre branco? O saudosista sempre branco, nunca preto, dava para desconfiar. E depois, a época de ouro, escolhida pelo saudosista, era uma época que se podia chamar de branca. Os jogadores claros, bem brancos, havia até louros nos times, ia-se ver: inglês ou alemão. Poucos morenos. Os mulatos e os pretos, uma raridade, um aqui, outro ali, perdiam-se, nem chamavam a atenção.*

*Sabia-se quem era o preto, quem era o branco, o branco e o preto não se confundiam. O Bangu podia botar um preto no time embora fosse um clube de ingleses. Tão de ingleses que tinha o* The*, era o* The Bangu Athletic Club. *A Companhia Progresso Industrial do Brasil, uma fábrica de tecidos, brasileira, de capitais portugueses, mandara buscar mestre na Inglaterra. Os mestres ingleses fundaram o* The Bangu Athletic Club. (...)

*O futebol importado*, made in England*, tinha de ser traduzido. E enquanto não se traduzisse e se abrasileirasse, quem gostasse dele precisava familiarizar-se com os nomes ingleses. De jogadores, de tudo. Em campo um jogador que se prezasse tinha de falar em inglês. Ou melhor: gritar em inglês.*

*O repertório do capitão do time, justamente quem gritava mais em campo, precisava ser vasto. Quando um jogador de seu time estava com a bola e um jogador do outro time corria para tomá-la, tinha de avisar:* ‘man on you’. *Quando o outro time atacava e ele precisava chamar os seus jogadores lá na frente, a senha era:* ‘come back forwards’*. E havia* ‘take you man’ *e havia mais*. *Onze posições de jogadores num time*: ‘goalkeeper, fullback-right, fullback-left, halfback-right, center-half, halfback-left, winger-right, inside-right, center-forward, inside-left, winger-left.

*O juiz era o* referee*, transformado em referi ou refe, o bandeirinha era o* linesman*, e por aí afora.*

*Mas os nomes dos jogadores do* Paisandu Cricket Club *e* Rio Cricket and Athletic Association *eram mais difíceis de guardar. Mudavam muito, principalmente os do Rio Cricket*.

*Ingleses que vinham para o telégrafo inglês, para a Leopoldina, e que passavam uns tempos aqui, e que depois iam embora para nunca mais voltar. Iam embora, eram substituídos por outros. E lá estava o Rio Cricket de portas abertas para eles. Saía um, entrava outro. Em campo, quase que não se notava a diferença, parecia que eles eram os mesmos.*

*O Bangu não podia contar com ingleses que chegavam da Inglaterra, todos eles com um lugar garantido no Paissandu ou no Rio Cricket. A colônia inglesa de Bangu, lá longe, isolada por assim dizer, era pequena. Quantos mestres tinha a Companhia Progresso Industrial do Brasil? Por isso o Bangu nunca foi um clube fechado no sentido do Paissandu ou do Rio Cricket, pelo menos em futebol.*

*No* cricket, *sim, os ingleses não quiseram saber de mistura. Brasileiro para entrar no time de* cricket*, nem branco.*

*Aliás, diga-se de passagem, os brasileiros nunca foram muito com o* cricket*. Jogo bom para inglês. Os jogadores se acolchoavam, quase que vestiam armaduras medievais, para empunhar o seu* bat. *Também a bola era de pau, coberta de couro, se batesse na perna de um jogador podia quebrar.*

*Começava de manhã, às noves horas, entrava pela tarde, às vezes ia até às cinco horas, se era inverno estava já escurecendo. E parava de meia e meia hora para os jogadores e torcedores beberem uísque. Um intervalo era maior que os outros: para o lanche. O bar enchia-se, os ingleses bebiam, comiam sanduíches e riam e cantavam, batendo com os copos.*

*Antes de construir o campo eles tinham por precaução bem inglesa, construído o bar. Depois que o bar ficou pronto é que os ingleses do Bangu pensaram no campo.*

*Havia um jardim na fábrica, um gramado amplo de grama inglesa, aquela grama que faria do campo do Bangu o mais verde, o mais macio dos campos cariocas. O jardim, as chamadas barras de gol de um lado e de outro, servia de campos enquanto não se plantasse a grama inglesa no terreno junto, separado da fábrica por um muro, e onde se fazia o depósito de lixo.*

*O lixo era adubo, e do melhor, a grama pesou logo, e alastrou-se, cobrindo de verde o* field *do Bangu*. *Em dias de* cricket *só se viam ingleses espalhados pelo gramado, pelo bar. Em dias de futebol a coisa mudava de figura.*

*Os operários ficavam para ver, muitos brancos, mulatos, pretos, com vontade de ver também o seu pontapé na bola. Bastava a bola ir fora, e ela ia fora de quando em quando, eles corriam atrás dela, como garotos atrás de um balão de São João. Depois a impressão deixaria de ser essa, de garotos atrás de um balão de São João, seria a de garotos atrás de uma bola mesmo. O gandula apareceria em todos os campos, em todas as ruas, onde se disputasse uma partida de futebol.*

*Mas em 1904, ano em que o* The Bangu Athletic Club *nascia, era mais comum ver-se garotos atrás de um balão, embora somente em junho, do que atrás de uma bola o ano todo. E os ingleses, para formar dois times, tinham de arranjar gente para tapar os buracos. Tanto que, quando o* The *Bangu estreou em futebol, disputando um* match *de verdade, com o Rio Cricket, em Icaraí, dois brasileiros já figuravam no* eleven*, nome usado pelos cronistas mais eruditos. Mas esses brasileiros eram brancos.*

*Um, Luís Gaspar,* center-half*, de lá mesmo, tecelão da fábrica. O outro, Augusto Alvarenga, meia-esquerda, importado da cidade, um empregado do comércio nada tendo que ver com a fábrica.*

*O Bangu tinha dois meses de vida: improvisara um time. Aquele time, com Luís Gaspar, com Augusto Alvarenga, não era o time do Bangu. O Bangu estava ainda em experiência, o seu time verdadeiro só surgiria um ano depois, com cinco ingleses, Frederick Jacques, John Stark, William Hellowell, William Procter e James Hartley; três italianos, César Bocchialini, Dante Delocco e Segundo Maffeo; dois portugueses, Francisco Barros, o ‘Chico Porteiro’, guarda da fábrica, um jogador que em quase todo jogo batia com a cabeça na trave, só via a bola e não via mais nada, e Justino Fortes, grandalhão, do tamanho de William Hellowell; e um brasileiro, Francisco Carregal. Brasileiro com cinquenta por cento de sangue preto. O pai, branco, português, a mãe, preta, brasileira.*

*Francisco Carregal, talvez por ser brasileiro e mulato, o único brasileiro, o único mulato do time, caprichou na maneira de vestir. Era o mais bem vestido dos jogadores do Bangu. Um verdadeiro dândi em campo.*

*Há uma fotografia desse time do Bangu. Bem que a fotografia merecia ser guardada num álbum. Frederick Jacques, mestre gravador, o* goalkeeper*, está lá atrás, de pé, entre José Villas-Boas, diretor de esportes, e João Ferrer, presidente de honra do Bangu. João Ferrer todo de branco, roupa branca, colarinho branco, confundindo-se com o peitilho branco e a gravata branca, parecia um enfermeiro. José Vilas-Boas de fraque cinza, fechadinho em cima.*

*Olha-se para a fotografia e só se vê bigodes. Bigodes caídos, como o de Frederick Jacques, enrolados como o de José Vilas-Boas, torcidos como o de João Ferrer.*

*Somente três jogadores não usavam bigodes: o porteiro Justino Fortes, o inglês Willian Hellowell, de cara muito branca, sem sinal de buço, lisa e macia feito rosto de menino, e o brasileiro Francisco Carregal.*

*O bigode de César Bocchialini, bem italiano, um bigodinho atrevido, de pontas finas, para cima. O de Francisco de Barros, Chico Porteiro, nada tinha de atrevido. Pelo contrário: bigode austero, pesado com responsabilidade de um pai de família cheio de filhos. Já o de John Stark lhe dava, ajudado pelo ar manso que ele tinha, uma cara de cachorro perdigueiro, boa e amiga. E havia, ainda, o bigode de Dante Delocco, bem aparado, como o de Segundo Maffeo. O de William Procter era preto, amorenava-lhe o rosto, o de James Hartley, louro, quase branco, fazia-lhe parecer mais velho. Também James Hartley já estava de cabelo ralo.*

*A camisa de Bangu não era, como agora, de malha, colante, com listras largas, vermelhas e brancas. Tinha as listras bem finas, quase juntas. E uma gola mais parecida com um colarinho mole. Pelo menos com um desses colarinhos de hoje, cujo desenho saiu das camisas esporte. O tecido pouco sedoso e brilhante, como musselina.*

*Nem todas as camisas eram iguais. Umas tinham, bem no centro, de cima a baixo, barras do mesmo pano, de listras horizontais. Barras largas, da grossura de um punho, finas, da grossura de um dedo. Os ingleses não prestavam muita atenção a esses detalhes. Eram mais descuidados na maneira de vestir do que os italianos e os portugueses.*

*E muito mais descuidados do que o brasileiro Francisco Carregal. Talvez por orgulho de raça superior. Francisco Carregal aparece na fotografia em primeiro plano, de pernas cruzadas, segurando a bola. Desenhada na bola, a giz, uma data da fotografia do* match *e as iniciais do Bangu, sem o tê do* The. *Um bê, um a, um cê, em letras maiúsculas. E uns números, zero, cinco, traço, cinco, traço, quatorze. Primeiro o ano, 1905, depois o mês de maio, depois o dia, quatorze. As botinas travadas de Francisco Carregal, novinhas em folha. Se não novinhas, engraxadas de manhã para o jogo.*

*Chama atenção a diferença entre o apuro de Francisco Carregal, preocupado em não fazer feio, e o pouco se me dá de William Procter, que não ligava para essas coisas.*

*Francisco Carregal, um simples tecelão, comprou tudo de novo: as botinas travadas, as meias de lã, os calções. A camisa, quem dava era o clube. William Procter, o mestre eletricista, mandou travar umas botinas velhas, cortou com uma tesourada uma calça branca que não servia mais, nem comprou as meias de lã que custavam oito mil réis na Casa Clark. Enfiou o pé numa meia comum, que lhe ia somente até o meio da perna, e deixou-se fotografar de ligas pretas.*

*As ligas pretas chegam a ferir os olhos na perna branca de William Procter. Parece até que ele não acabara de se vestir, que viera correndo lá de dentro, para a pose fotográfica, sem calças, de cuecas. Principalmente porque está ao lado de Francisco Carregal, todo vestidinho, entre Francisco Carregal e James Hartley, que, além de meias de lã, botou, cobrindo as pernas, as caneleiras. Caneleira era coisa rara, não havia por aqui, só vindo da Inglaterra, como um verdadeiro requinte.*

*William Procter podia descuidar-se, Francisco Carregal, não. No meio de ingleses, de portugueses, de italianos, sentia-se mais mulato, não queria parecer menos, quase branco. Passava perfeitamente. Pelo menos não escandalizava ninguém.*

*Se Manuel Maia,* goalkeeper *crioulo, filho de preto com preta, não foi apontado a dedo, o* center-foward *mulato Francisco Carregal nem chamou a atenção. Que mal fazia um operário jogar futebol? Deixava de ser operário por isso?*

*No domingo dava seus pontapés na bola, corria em campo molhando a camisa, na segunda-feira cedinho, quando o portão da fábrica se abria, lá estava ele. Ia para os teares como os outros operários, trabalhava, só parava na hora do almoço, para voltar, depois, até às quatro horas. Nem tinha tempo de se lembrar do jogo da véspera.*

*E lembrar para quê? Na hora do trabalho, só do trabalho, na hora do jogo, só jogo. Afinal de contas, o Bangu era, apesar do* The*, um clube dos trabalhadores da Companhia Progresso Industrial do Brasil. Se não fosse a fábrica, como o clube arranjaria um campo? O campo só? E o resto? O resto era tudo.*

*O operário que estava ao lado dos mestres, branco ou preto, não subia, não descia, ficava onde estava. Se quisesse subir tinha de trabalhar muito, de aprender muito, para passar de tecelão a mestre. Como Francisco Carregal acabaria passando à custa de trabalho, e não de futebol. O futebol era divertimento. (...)*

Fonte: RODRIGUES FILHO, Mario. O negro no futebol brasileiro. 4ª edição. Rio de Janeiro: Mauad, 2003, p. 29-34.